

**“COLETIVO LUÍSA MAHIN - SARAU DAS PRETAS”: O PROMIC E A PERFORMANCE COMO MOBILIZADOR IDENTITÁRIO E FORMATIVO****“COLETIVO LUÍSA MAHIN - SARAU DAS PRETAS”: PROMIC AND PERFORMANCE AS IDENTITY AND FORMATIVE INSTRUMENT**

Amanda Maria Damasio Teixeira<sup>74</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-4064-05>

Ana Cristina Pereira da Silva<sup>75</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-2924-95>

**Resumo:** Utilizando como foco o projeto londrinense “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas”, este artigo pretende expor como o PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) viabiliza performances em torno da literatura, da formação e de questões identitárias. Dito isso, utilizaremos como viés de análise os textos de Zumthor (2007) e Aguilar e Câmara (2017), para compreender o papel da voz e da *performance*, e a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (2013), em que discute sobre os polissistemas literários e suas periferias. Também serão utilizadas transcrições de entrevistas com duas produtoras culturais encarregadas do projeto. Levando em conta o artigo de Mariano (2019), em que pressupõe-se uma intersecção entre os polissistemas periféricos de Even-Zohar e a literatura afro-brasileira, foi possível concluir que o PROMIC mobilizou ações múltiplas (em espaços privilegiados ou não, utilizando como base o texto escrito ou saberes orais) que contribuem para maior ênfase à mulher negra e de narrativas afro-brasileiras silenciadas por uma questão racial e periférica, contribuindo, então, para a oxigenação do cânone.

**Palavras-chave:** Sarau. Políticas públicas. Literatura afro-brasileira.

**Abstract:** Using as a focus point the project “Coletivo Luísa Mahin - Sarau das Pretas”, based in Londrina, this article aims to show how PROMIC (a municipal cultural program) enables performances around literature, learning and identity matters. That said, the following authors were used as analysis bias: Zumthor (2007) and Câmara (2017) (to comprehend the role of voice and performance) and the Even-Zohar’s polysystem theory (2013), work in which he discusses literary polysystems and its peripheries. Transcribed interviews with the two cultural producers behind the project will be presented also. Taking into account Mariano’s article (2019), in which one could presuppose an intersection between the Even Zohar’s peripheral polysystems and afro-brazilian literature, was possible to conclude that PROMIC made actions viable (in multiple places and via written text or oral knowledge), giving more emphasis to black women and afro-brazilian narratives that were silenced by a racial and peripheral issue, contributing, finally, to a more balanced canon.

**Keywords:** Soiree. Public Policy. Afro-brazilian literature.

---

<sup>74</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisa a relação entre políticas públicas municipais e estaduais e a literatura.

<sup>75</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisa a performance e os saraus literários em Londrina.

## Introdução

Atualmente, os impactos das políticas públicas de cultura são colocados em discussão, são questionados. Em Londrina, o PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) viabiliza a execução de inúmeros projetos a partir de renúncia fiscal. Um dos projetos contemplados, categorizado na área destinada à Literatura, é o “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas”, originalmente criado em 2015 para financiar a ida de um grupo de mulheres negras londrinenses para Brasília, onde participaram da 1ª Marcha Nacional das Mulheres Negras. Esse acontecimento fez com que as pessoas envolvidas formassem o Coletivo de Mulheres Negras Luísa Mahin, responsável pelo Sarau e por outros eventos formativos em que questões identitárias e relacionadas à literatura afro-brasileira são colocadas em discussão. Segundo Fiana Heloísa<sup>76</sup>, uma das produtoras do evento, os objetivos são:

trabalhar a cultura afro-brasileira nas escolas e demais espaços educativos, abordando a importância da compreensão da identidade negra e os desafios que ela enfrenta na sociedade brasileira a partir de diferentes formas (literatura, teatro, contação de histórias, palestras, roda de conversa) e também marcar a cena cultural londrinense com um espaço dedicado à cultura negra (à exaltação das nossas raízes africanas) e ao fortalecimento da nossa comunidade por meio de um Sarau.

Assim, fica claro que o Sarau é um dos espaços de fortalecimento da cultura negra local, que tem como atividade principal as *performances* que nele acontecem, mas que não se restringe só a isso.

O sarau também é um dos espaços de discussão e de *abertura* para diálogo acerca da identidade afro-brasileira. Dessa forma, busca-se entender de que forma o PROMIC auxilia na realização desses objetivos? De que forma a voz e a *performance* contribuem ou não para o fortalecimento de uma identidade londrinense e para o protagonismo da mulher negra?

## Política pública, polissistema e *performance*: uma questão de caráter social

Um dos teóricos que utilizaremos neste trabalho é Itamar Even-Zohar. Sua pesquisa em relação ao polissistema literário, expressão cunhada pelo autor, discute o cânone literário e as relações que o afetam, dando ênfase ao seu caráter social. Sua proposta parte do reconhecimento de que a heterogeneidade da cultura é ampla e se forma a partir de movimentações centrípetas e centrífugas, em que a periferia e o centro da recepção literária se impactam. Sobre isso, Even-Zohar (2013, p. 8) declara:

A ideologia de uma cultura oficial como a única aceitável em uma dada sociedade tem como consequência uma massiva compulsão cultural que afeta a nações inteiras mediante um sistema educativo centralizado e que torna impossível, inclusive a estudiosos da cultura, observar e valorar o papel das tensões dinâmicas que operam no seio da cultura para sua efetiva manutenção. Como um sistema natural que necessita, por exemplo, de regulamentação térmica, os sistemas culturais necessitam também de um equilíbrio regulador para não entrar em colapso ou desaparecer.

---

<sup>76</sup> SANTOS, Fiana Heloísa Silva dos. **Entrevista - Sarau das Pretas**. Concedida a Ana Cristina Pereira da Silva e Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 13 jul. de 2020. No prelo.

Então, de acordo com a configuração expressa por Even-Zohar, é possível pensar em um repertório brasileiro (e múltiplo, claro), em que essa centralização (intrinsecamente relacionada ao social, ou seja, aos indivíduos detentores do poder) implicaria uma posição menos prestigiosa à literatura afro-brasileira (que se veria então às custas de uma elite branca, por exemplo) e de outros nichos “periféricos”, supondo a existência de um sistema ou um conjunto de elementos afro-brasileiro – hipótese defendida no artigo de Mariano (2019, p. 10):

Dentro da perspectiva brasileira, do século XIX, qualquer projeção de sistema literário proveniente das populações negras - e aqui poderíamos pensar em outros recortes identitários de minoria - seria devidamente barrada por um sistema hegemônico de literatura, muito bem estruturado nos rígidos moldes de raça, classe, gênero etc.

Assim, a literatura afro-brasileira dependeria de intervenções que se relacionam intimamente com o que Even-Zohar (2013, p. 6) expõe como “luta entre vários estratos”. Estando o polissistema literário intrínseco ao social, o racismo também o afetaria, minimizando, talvez, seu alcance, visibilidade e recepção daqueles que se identificam como afro-brasileiros. É interessante notar que o “repertório” canônico é definido pelas relações travadas no polissistema, externas a um conjunto de características literárias, como discute Even-Zohar (2013). Embora, como explica o autor, o polissistema pode reorganizar-se sempre a fim de um “equilíbrio”. Nesse sentido, o financiamento de projetos como o “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” pode auxiliar nessa movimentação? Quais foram as pessoas beneficiadas durante a realização do projeto? De acordo com Poliana Santos<sup>77</sup>, uma das organizadoras do Sarau, este foi o trajeto:

Quando nós fomos aprovadas no PROMIC, nós tivemos a possibilidade de realizar o nosso trabalho na zona rural, fizemos oficinas dentro do Eli Vive, o acampamento do MST, nós cruzamos a cidade de Londrina de Norte a Sul, de Leste a Oeste, podendo levar o nosso trabalho, com a estrutura de material pedagógico, material humano, que é proporcionado por essas estruturas financeiras, né? Você poder contratar oficinairos e oficinairas, comprar material didático, se locomover pra isso... porque as pessoas não se atentam que o movimento social não vive só de amor, né? O movimento social não vive só de educação. Ele precisa de estrutura para ser realizado. E participar de um programa de Bolsa como o PROMIC dá a estrutura para que esses trabalhos saiam de determinados nichos, podemos dizer "privilegiados", de acesso para ir mesmo para as periferias, para além das fronteiras do urbano... então, isso é muito importante.

---

<sup>77</sup> SANTOS, Poliana. **Entrevista 2 – Sarau das Pretas**. Áudios transcritos de WhatsApp. Concedida a Ana Cristina Pereira da Silva e Amanda Maria Damasio Teixeira. Londrina, 28 jul. de 2020. No prelo.

**Imagem 1 – Performance no sarau**

Fonte: Arquivo do evento (Facebook), 2019.

Deve-se ressaltar, então, a utilização da bolsa para o desenvolvimento de uma pedagogia e seus materiais, como também a contratação de terceiros e o transporte até os locais selecionados. Ele permite que essa atenção se volte a espaços desprivilegiados, fazendo com que esses tenham acesso a serviços que dificilmente chegam até eles. Além disso, há uma mobilização local em torno de necessidades *culturais* que poderiam afetar as periferias e áreas rurais da cidade. Houve também uma movimentação de aproximação entre a Academia e espaços periféricos, quando, obtendo maior visibilidade e estrutura por ser justamente aprovado pelo PROMIC, o “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” juntou-se a um projeto de extensão de Escrita Criativa da Universidade Estadual de Londrina. É interessante notar que no mesmo trecho da fala de Poliana Santos vemos formas diferentes de abordagem em relação ao protagonismo da mulher negra – utilizando espaços periféricos (terreiros) e privilegiados (academia), como num contexto educativo informal e formal:

O Sarau das Pretas, em suma, tem um propósito fundamental em trabalhar a questão da formação, e essa formação a gente entende como trocas de saberes; dando o protagonismo da mulher, principalmente, da mulher negra. Então assim, nós obtivemos, por exemplo, dentro do trabalho do Sarau das Pretas, um encontro dentro de uma casa de axé, que é o terreiro da mãe Omin, onde várias mulheres mais velhas trouxeram a sua cultura do benzimento, então a gente fez essa troca com elas. Elas nos explicaram as questões das benzedeadas, os chás, trazendo essa historicidade através da sua oralidade, ali contando como era quando elas eram crianças, como se deram essa identidade de se ver como mulheres negras, então é muito pontual para nós essas vivências. Nós nos organizamos para levar, por exemplo, uma oficina de Escrita Criativa, com o pessoal do professor Flávio Freire da UEL, ao pessoal do Flores do Campo. Nós nos organizamos para, com as crianças, trazer um material lúdico, mas que faça o debate do racismo. Receber essa devolutiva, sabe, nesse processo educacional, é, para nós, o mais importante. Um espaço de formação onde a gente consiga resgatar essa

historicidade pela questão da mulher negra, pelo olhar da mulher negra, e também levar um pouco da academia fazendo essa troca.<sup>78</sup>

A multiplicidade de eventos realizados pelo “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” permite uma abrangência maior em relação à discussão em torno da literatura afro-brasileira. Justaposto à teoria dos Polissistemas, é possível perceber que o projeto não se limita apenas ao livro, produto final de todo um repertório, como dirá Even-Zohar (2013, p. 10), mas às tradições orais e à formação e criação de novos leitores e produtores culturais (escritores):

É difícil eliminar imagens respeitadas ao longo do tempo, e parece “natural”, portanto, que produzir e consumir textos tenha sido sempre a atividade mais importante na “literatura”. Em certos períodos, não obstante, o texto era mais marginal em relação a outras atividades no sistema literário, tais como o escritor ou algum “acontecimento total” sob a forma de atuações diversas.

As *performances*, então, realizadas em variados espaços culturais da cidade (Usina Cultural, Cemitério de Automóveis e Casa da Vila), além dos outros lugares já citados, demonstram um entendimento total de “literatura” por parte das organizadoras do evento, levando em conta que Even-Zohar compreende que as noções de “livro” e “repertório” são parciais e não dão conta para discutir um polissistema heterogêneo. Dessa forma, é capaz de adentrar lugares e alterar, nem que seja por pouco tempo, a hierarquia do espaço, o direcionamento da atenção – conscientizando aqueles que permitem o racismo estrutural e aquelas que sofrem com este.

Assim, a partir da visibilidade garantida ao “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas”, por meio do financiamento do PROMIC, é possível inferir que o PROMIC provoca maior oxigenação entre a canonicidade literária local, permitindo discussões que não abrangem apenas o livro ou a leitura em voz alta, mas a valorização de tradições e vozes silenciadas por um sistema intrínseco ao polissistema literário – o sistema social.

Como relatado por Even-Zohar (2013), existem forças centrífugas que podem carregar ou transferir propriedades de polissistemas periféricos para o centro – e poderíamos afirmar que o sarau estudado é uma dessas forças, colocando em evidência essa identidade e suas vivências:

De modo semelhante, é por meio da estrutura polissistêmica das literaturas envolvidas como podemos dar conta dos vários e intrincados processos de interferência. Por exemplo, ao contrário da crença comum, a interferência tem lugar, frequentemente, por meio das periferias (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 18).

É interessante relatar, então, a importância de projetos de políticas públicas como o “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” que, por meio da literatura e da voz, impactam o social. Através de suas *performances*, indivíduos se conscientizam sobre a posição da mulher negra na sociedade, como também adquirem conhecimentos silenciados justamente por uma questão racial. O financiamento decorrente de uma bolsa do PROMIC provoca uma luta mais igualitária, talvez, entre os estratos, permitindo estruturas periféricas terem mais visibilidade e melhor formação mesmo distantes dos grandes centros.

---

<sup>78</sup> SANTOS, 2020, s/p.

**“Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas”**: a *performance* como forma de re-existência

O “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das pretas” foi criado, conforme já dito, pelo coletivo Luísa Mahin, em 2015. *A priori*, segundo as organizadoras, o coletivo era formado por Poliana Santos, Fiana Heloísa, Thaísa Carvalho, Silvia Castro e Rute. A formação atual conta com Fiana Heloísa, Poliana Santos, Ana Paula Barcellos, Mariana Valle e Jamile Baptista, à frente do coletivo.

Visando à arrecadação de recursos para a Marcha das Mulheres Negras, realizada em Brasília em novembro do mesmo ano, o sarau cujo protagonismo é a mulher, sobretudo a mulher negra, teve continuidade após o evento. A reflexão sobre a importância do protagonismo da mulher negra para o cenário cultural e artístico de Londrina impulsionou o grupo a buscar parcerias culturais.

A partir disso, o sarau surge como forma de fomento às trocas literárias, sendo visto como um evento, um momento de confraternização, a princípio, e depois com o PROMIC é agregado também, ao sarau, um trabalho de formação, um aspecto educacional, segundo Poliana Santos.

Na produção literária contemporânea, o singular se faz presente por meio do coletivo, o que leva à criação de grupos, denominados *coletivos*, que são constituídos pela afetividade e pela identidade partilhada, características essenciais para a formação de redes afetivas (LEONÉ, 2014). Sendo assim, o “Coletivo Luísa Mahin” vem a ser um agente importante dentro do sistema literário corroborando para o estabelecimento de redes que fortaleçam e deem protagonismo à cultura negra.

O *modus operandi* do “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” conta com diversas atividades que visam promover a cultura afro-brasileira, contemplando as mais diferentes manifestações artístico-literárias. No entanto, a voz é o cerne de todas as edições do sarau, por meio da *performance* que ressignifica o texto literário e possibilita as trocas afetivas através das redes formadas por ela.

**Imagem 2 – Exposições e instalações no sarau**

Fonte: Arquivo do evento (Facebook), 2019 Na programação, discotecagem com DJ Jô

Moreno, roda de capoeira com o pessoal do Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), apresentação musical com Tião Carvalho, Feirinha, gastronomia popular e momento de contação de história para as crianças. O Sarau das Pretas se insere ainda como pré-abertura do Festival Literário de Londrina – LONDRIX, por isso permeia a festa com momentos de microfone aberto para as mais diversas possibilidades de manifestação literária. Nosso encontro será na Vila Cultural Cemitério dos Automóveis, a partir das 18h. Esperamos vocês! A entrada é gratuita. Todas as atividades contam com o patrocínio do PROMIC, produção da PÁ! Artística e realização do Coletivo Luísa Mahin.<sup>79</sup>

O PROMIC possibilitou ao “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” maior visibilidade às *performances* realizadas no evento, aumentando sua rede de alcance para as discussões sobre a cultura afro-brasileira e para divulgação de sua respectiva literatura. A lei de incentivo, que é um dos agentes presentes no polissistema de Even-Zohar (2013), contribuiu para que a literatura afro-brasileira se movesse dentro desse sistema sentido ao centro dele.

É claro que muito há de se fazer para que a literatura afro-brasileira chegue ao centro do sistema literário, pois sabemos que as dificuldades em relação ao mercado editorial ainda são muitas. No entanto, o PROMIC como apoio para o sarau, evento cujo cerne é a *performance*, surgiu como forma de movimentar essa literatura e dar condições de circulação dos textos literários para além do livro impresso.

Fazer o Sarau sempre foi uma forma de militância porque acreditamos na importância de fazer esse trabalho cultural sobre a cultura negra. Ao longo do percurso, tivemos muitos apoiadores e colaboradores, mas nunca de forma financeira. O dinheiro investido para realizar o Sarau, muitas vezes, era colocado do nosso próprio bolso. Muitas vezes, investimos com o nosso próprio dinheiro, depois recuperávamos o valor com as coisas que fazíamos para serem vendidas no evento (como comidas, bebidas, etc.) e, depois, guardávamos o que sobrava, quando sobrava depois de pagar todo mundo, como uma “poupança do Sarau”. Esse valor era investido novamente na próxima edição e assim íamos indo. Mas essa limitação financeira nos impedia de crescer. Nós tínhamos vontade de ampliar as ações, mas não tínhamos perna. Então, vimos no PROMIC essa possibilidade, que ele fosse o meio de financiarmos nossas ações. Com esse financiamento, conseguimos ampliar as atividades como já vínhamos planejando. Por isso, nosso projeto do PROMIC contemplou duas faces: a primeira educacional - em que fomos em escolas das áreas urbana e rural falar com crianças, adolescentes e adultos sobre a cultura negra, além também de oficinas abertas para a comunidade; e a segunda, cultural - momento em que realizamos edições do Sarau das Pretas para mostrar o resultado dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas e para fortalecer a cena cultural negra na cidade.<sup>80</sup>

O ato performático é único, dotado de corporeidade, é carregado de sensações e emoções. Uma voz não pode ser vista separada de um corpo, sempre que existir uma voz vai existir um corpo (ZUMTHOR, 2007). Dessa forma, voz, corpo e espaço se fundem a fim de “convocar a *performance* para mostrar que sua presença transforma as leituras possíveis de uma obra” (AGUILAR; CÁMARA, 2017, p. 13).

<sup>79</sup> Excerto da página do Facebook do coletivo COLETIVO LUÍSA MAHIN – SARAUDAS PRETAS. Disponível em: <https://www.facebook.com/saraudaspretaslondrina>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>80</sup> SANTOS, Fiama, 2020, s/p.

**Imagem 3 – Apresentações musicais**

Fonte: Arquivo do evento (Facebook), 2019.

O corpo, os gestos, os modos de vestir, as entonações da voz, são aspectos que o texto escrito sugere, mas não permite vivenciar. Através da *performance*, esses aspectos são vistos, sentidos e apreendidos de forma mais íntima, e assim, os sujeitos se afetam mutuamente permitindo essa experiência vivenciada.

Na performance a voz é emanção do corpo, uma representação plena, que não é apenas uma forma de comunicação que transmite conhecimento, mas que transforma o conhecimento, e sendo assim transforma de alguma forma o ser. A voz marca tanto o *performer* quanto o espectador, estabelecendo uma comunicação poética, uma experiência vivenciada [...] (SILVA; FERNANDES, 2019, p. 122).

As *performances* que acontecem nos “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” são dotadas de representatividade e ancestralidade. Como exemplo, temos um encontro que aconteceu dentro de uma casa de axé, que é o terreiro da mãe Omin:

várias mulheres mais velhas trouxeram a sua cultura do benzimento, então a gente fez essa troca com elas nos explicando as questões das benzedeadas, os chás, trazendo essa sua historicidade através da sua oralidade, ali contando como era quando elas eram crianças, como se deram essa identidade de se ver como mulheres negras, então é muito pontual para nós essas vivências.<sup>81</sup>

Além de ser um meio de divulgar a literatura afro-brasileira, as *performances* do sarau

---

<sup>81</sup> SANTOS, Poliana, 2020, s/p.

também trazem a questão da representatividade a partir das histórias contadas por essas mulheres. E aí, a máquina performática se faz instrumento de transformação do conhecimento e de re-existência para o *performer* e para o espectador. Espectador esse que se reconhece no *performer* ou que conhece a cultura afro-brasileira a partir das vivências e dos saberes transmitidos pelas mulheres negras através da *performance*.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o sarau é uma forma de resistência no sentido de re-existir, de fazer re-existir. É importante deixar claro o conceito de resistência, visto que na atualidade, várias são as possibilidades de sentido que se pode atribuir ao termo.

Ora, é diante da ideia de que o poder, como relação de forças, funciona sempre como produtor de afetos, que a resistência aparece para Foucault como um terceiro poder da força. Se as forças se definem segundo o poder como um afetar e um ser afetado, resistir é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político. A capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar.

Resistir é, neste aspecto, o oposto de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar. Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder. Esta atividade permite à força entrar em relação com outras forças oriundas de um lado de fora do poder [...]. Forças do devir, da mudança, que apontam para o novo e engendram possibilidades de vida (MACIEL JR., 2014, p. 2).

Dessa forma, é em Foucault que se busca fundamentar essa afirmação do sarau enquanto resistência (re-existência), em especial o “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” que coloca em evidência a mulher negra no campo social e atua nesse mesmo sentido o qual Maciel Jr. (2014), ao retomar Foucault, nos traz o conceito de resistência como criação, como força da mudança que aponta para o novo e permite a abertura de possibilidades.

**Imagem 4 – Integrantes do Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas**



Fonte: Arquivo do evento (Facebook), 2019.

O “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” é resistência, porque resistir nessa perspectiva “é criar, para além das estratégias de poder” (MACIEL JR., 2014, p. 2). O sarau cria possibilidades de composição e de mudança social por meio da *performance*. A voz, o corpo e o espaço permitem que o texto literário ganhe vida e possibilitam sua entrada em novos espaços sociais por meio das trocas de saberes e das trocas afetivas que operam nos saraus.

### Considerações finais

O “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” contou com o apoio do PROMIC para realização das edições do sarau, e esse incentivo foi de grande importância para a viabilização do evento que, de acordo com seu *modus operandi*, mobiliza a divulgação de textos literários de mulheres negras e a inserção deles em diferentes espaços sociais por meio da *performance*.

A lei de incentivo municipal à cultura foi essencial para que a literatura afro-brasileira londrinense rompesse as barreiras do mercado editorial, criando possibilidades de divulgação desses textos para além do livro impresso.

O PROMIC é necessário, porém ainda insuficiente e tardio, nem sempre realizando a projeção para alcançar todos os grupos que poderiam “oxigenar” a literatura local, distanciando-se de um cânone que replica um repertório já conceituado. Sofrendo alguns ajustes, o programa poderia ser ainda mais impactante nesse sentido.

A *performance*, enquanto cerne de um sarau, funciona no “Coletivo Luísa Mahin – Sarau das Pretas” como uma possibilidade de fortalecer a cultura afro-brasileira, trazendo em si sua ancestralidade e representatividade e permitindo a vivência da cultura negra.

A questão identitária, tão cara à literatura contemporânea, é a essência desse sarau, que traz nomes tão importantes para homenagear a mulher negra, como “Luísa Mahin”, “Marielle” e “Yá Mukumby”. A *performance* vem contribuir para a valorização da identidade negra no cenário local e o PROMIC viabilizou essas ações do “Coletivo Luísa Mahin”.

Em tempos em que cada vez mais recursos destinados à cultura, à arte e à literatura são cortados, esse trabalho se faz relevante para que se chame atenção para a importância dessas ações, sobretudo para aqueles que estão à margem da sociedade.

### Referências

- AGUILAR, Gonzalo, CÁMARA, Mario. **A máquina Performática**: a literatura no campo experimental. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos Polissistemas**. 2013. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Disponível em: ><https://seer.ufrgs.br/translatio/issue/viewFile/2211/22>< Acesso em: 29 jul. de 2020.
- LEONE, Luciana Di. **Poesia e escolhas afetivas**: edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- MACIEL JR., Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 01-08, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912014000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MARIANO, José Victor Nunes. Da periferia do hegemônico: o sistema literário afro-brasileiro. In: **Suplemento literário de Mato Grosso Nódia do Brim**. Edição 67. 2019. Disponível em:

>[https://www.researchgate.net/publication/341104225\\_Da\\_periferia\\_do\\_hegemonico\\_-\\_O\\_sistema\\_literario\\_afro-brasileiro](https://www.researchgate.net/publication/341104225_Da_periferia_do_hegemonico_-_O_sistema_literario_afro-brasileiro)<. Acesso em: 30 jul. 2020.

SILVA, Ana Cristina Pereira da; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. Sarau e performance: a rede Londrix e estratégias de inserção do texto poético. **Revista Boitatá**, Londrina, n. 27, jan.- jun. 2019, p. 118-131. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/38312/27135>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

[Recebido: 16 ago 2020 – Aceito: 03 mar 2021]